

A Prosa do Mundo, de M. Merleau-Ponty

André Medina Carone

Bacharel em Filosofia pela FFLCH-USP e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos

A Prosa do Mundo reúne ensaios que foram redigidos por Maurice Merleau-Ponty no início da década de cinquenta e não receberam a versão final do autor. Nos anos seguintes à sua elaboração o livro seria abandonado, não se sabe se provisoriamente, até a morte do filósofo em 1961. Entretanto, não resta dúvida de que o manuscrito representa "a primeira metade de um livro interrompido", nas palavras do organizador Claude Lefort. Em outros trabalhos do autor é constante a presença dos temas centrais deste manuscrito – a natureza da linguagem, a pintura e a atividade da expressão – e ela não causará surpresa ao leitor familiarizado com sua obra. Mas no caso desta publicação póstuma, a abordagem destes temas serve a um objetivo distinto: a exposição, "no prolongamento da *Fenomenologia da Percepção*", de uma teoria da verdade", como afirma Merleau-Ponty em carta citada por Lefort. O filósofo pretendia

dedicar dois livros a este projeto, e os textos aqui reunidos representariam a primeira parte de um deles.

Mesmo assim, no caso de um autor que caracteriza a expressão como um esforço infinito que apenas toca à distância aquilo que se deseja dizer ou nomear – e por esta razão ultrapassa seu alvo – o adjetivo "inacabado" certamente se reveste de um peso incomum que supera a idéia de uma simples imperfeição. Como outros escritos publicados em vida pelo autor, *A Prosa do Mundo* exige até mesmo dos leitores mais afinados com a filosofia um deslocamento de perspectiva inusitado e também proveitoso. A fala do filósofo nos convida sempre a acompanhar de perto o nascimento de suas indagações ao invés de aguardar passivamente pelas respostas que ele tem a oferecer. Por abordar a partir de dentro as questões que investiga, Merleau-Ponty renuncia ao ponto de vista que abre mão do contato vivo com seu objeto

e prefere traçar seus contornos por meio de aproximações sucessivas que tangenciam os conceitos sem a intenção de determiná-los por inteiro.

Esta abordagem impõe ao leitor a tarefa de acompanhar não só o que *diz* o autor, mas também *como* ele o diz. Com períodos extensos e entrelaçados que mais apontam sentidos a serem percorridos do que delineiam com solidez as fronteiras de seu argumento, num gesto que busca abarcar idéias distantes que se aproximam e se fundem de maneira discreta e quase imperceptível, a prosa de Merleau-Ponty antes atrai o leitor por sua cadência do que o persuade com enunciados que se descolam da fala comum. A convivência com o texto logo nos revela que este estilo permanece sempre um parceiro solidário das reflexões deste filósofo que, em um ensaio intitulado *De Mauss a Claude Lévi-Strauss* (do livro *Signos*, publicado alguns anos após a redação de *A Prosa do Mundo*) afirma ser necessário "alargar a nossa razão para torná-la capaz de compreender o que em nós e nos outros precede e excede a razão". Longe de ser uma forma apartada do conteúdo, esta escrita fluente confere vida e movimento ao seu projeto filosófico, carregando em seu corpo o próprio pensamento que deseja manifestar: na expressão viva desta prosa, e não à sua margem, encontramos este alargamento da razão que visa retomar o contato primeiro

do homem com um mundo que se abre diante dele em estado puro e antecede à ordenação imposta pela atividade do nosso conhecimento.

Mas não se trata aqui de uma recusa do primado da razão em favor de alguma espécie de relativismo que exaltasse a singularidade da experiência pessoal: para Merleau-Ponty o trabalho do pensamento jamais se desvencilha da realidade e, ainda que a ultrapasse, não deixa de conservá-la como fonte primeira. A filosofia não se encontra acima do universo que investiga, pois nele são engendradas as indagações que permanecem encarnadas nas coisas e acessíveis à experiência comum. Teríamos um relativismo caso esta experiência fosse considerada inefável, avessa à razão ou alheia ao pensamento. Merleau-Ponty afirma o contrário: o pensamento está sempre presente na linguagem e na pintura, por exemplo, e a verdade — ainda que não possamos vê-la inscrita em palavras ou cores como um enigma a ser decifrado pelo raciocínio — se esboça no contato do homem com aquilo que o filósofo denomina como "o mundo percebido", está sempre enredada em uma existência singular. Daí decorre a crítica de Merleau-Ponty à idéia de uma linguagem pura que pudesse ser anterior à linguagem. A ilusão do distanciamento entre a natureza da linguagem e a experiência que temos dela nos impede de compreendê-la verdadeiramente, tal como o museu

nos bloqueia o acesso ao universo que incitou a criação artística e "torna os pintores tão misteriosos para nós quanto os polvos ou as lagostas".

A presença de um ensaio sobre o desenho infantil ao final do volume talvez pareça inconciliável com a suposta nobreza da investigação filosófica. Um dos méritos de Merleau-Ponty consiste em recusar com graça a monotonia desta elevação e convidar seu leitor a lançar-se às coisas mesmas. Aqui, ao visitar os primórdios da expressão humana, ele nos traz os vestígios do mundo percebido e faz novamente valer o imperativo que anunciara anos antes na

Fenomenologia da Percepção: "O real deve ser descrito, não construído ou constituído". Estamos ao lado de um filósofo que não se furta à fragilidade da experiência e sabe que, em silêncio, ela se impõe por alguma trilha incerta nos recantos em que nos julgamos mais sólidos e ali converte em imagem opaca algo que se fazia passar por garantia da razão. Como tudo o que existe, a pesquisa da ciência, a investigação sobre a arte e a reflexão sobre a linguagem são nutridas e permeadas pela impureza que gravamos naquilo que desperta nosso interesse — e na sua incompletude os escritos de *A Prosa do Mundo* formam o primeiro esboço desta impureza reveladora.

Resumo Este trabalho, solicitado pela editora Cosac & Naify para a divulgação de "A prosa do mundo", apresenta uma breve análise de seu conteúdo.

Palavras-chave Merleau-Ponty, linguagem, filosofia, A prosa do mundo

Abstract This work, requested by Cosac & Naify Publishing House as a press-release of The prose of the world, presents a short analysis of its content.

Keywords Merleau-Ponty, language, philosophy, The prose of the world